

## **Almanaque de miudezas defesa poética nas crônicas de Hilda Hilst**

Rodrigo Santos de Oliveira<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

Este ensaio pretende analisar como as crônicas *Cascos e carícias* (1998), de Hilda Hilst parafraseiam e parodiam o formato almanaque de farmácia. Pretende-se, também, refletir como as práticas de coleção, catalogação e anti-enciclopedismo, presentes na obra, estão atreladas ao inominável.

Palavras-chave: Hilda Hilst; Crônicas; Coleção; Inominável

### **1. Da crônica ao crônico**

Depois da travessia por inúmeras dicções literárias (poesia lírica, prosa e dramaturgia) e de atingir resultados notáveis em todas elas, como ressaltou o crítico Anatol Rosenfeld (1970). Hilda Hilst (1930-2004), poeta paulista, recebeu em 1992 o convite para escrever no “Caderno C” do Correio Popular de Campinas. A escritora, até então, era considerada hermética e inacessível ao público-leitor em geral.

Um dos fatores que possivelmente contribuiu para essa interdição da poeta foi a incidência reflexiva e constante de temas-tabu em seu projeto literário, tais como morte, erotismo e Deus. Isso permitiu a alguns críticos a catalogação de um pequeno “dicionário” onomástico hilstiano apropriado aos dois últimos itens. Alcir Pécora (2001), por exemplo, enumera inúmeros substantivos atribuídos aos órgãos sexuais presentes nas narrativas hilstianas:

Para o feminino: cona biriba rosa xiruba xereca mata perseguida pomba gaveta garanhona vulva choca xirica pataca caverna gruta fornalha urinol chambica poça xiriba Maldita brecheca camélia bonina nhaca petúnia babaca ‘os meios’ crica. Para o masculino, não tem menos copiosidade de registros: bagre mastruço bastão quiabo rombudo gaita taco ponteiro Sabiá malho verga mangará ‘um não sei o quê’ cifa farfalho chourição picaço cipó estrovenga toreba besugo porongo envernizado mondrongo trabuco bimbina fuso mango manjuba pau-barbudo chonga vara ganso. (PÉCORA, 2001, p.17).

Já Vera Queiroz assinala os múltiplos nomes de Deus contidos, sobretudo, em *A obscena Senhora D* (1982): “Senhor, Este, O Luminoso, O Vivido, O Nome, O Menino

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários – Universidade Federal de Minas Gerais.

Louco, O Mais, O Todo, O Incomensurável, Porco-Menino Construtor do Mundo, Menino-Porco, Luzidia Divinóide Cabeça, O Outro, La Cara, La Cara Oscura, Homem Cristo.” (QUEIROZ, 2000, p.69). Também não se pode deixar de elencar os nomes atribuídos à morte em *Da morte. Odes mínimas* (1980): Túrgida-mínima, amada, torpe, esquiva, cavalinha, criança, rainha, Velhíssima-Pequenina, Menina-Morte, soberba, amiga, cavalo, búfalo, acróbata de guarda-sóis, amantíssima, Nada, Morte-Ventura, rosto de ninguém, prisma, púrpura, unguento, duna, riso, sonido, altura, flanco de acácias, negra cavalinha, minha irmã e Tempo-Morte<sup>2</sup>.

Numa tentativa de orquestrar alguns desses blocos temáticos, a autora os classificou em obras que fazem alusão parafrásica a títulos de tratados filosóficos (*Do desejo, Da morte, Do amor*) e acabou por adicionar a eles outras subdivisões. Configurando, dessa forma, outros livros como o *Do desejo* (1992) composto por *Da noite, Amavisse, Via espessa, Via vazia, Alcoólicas* e *Sobre a tua grande face*, eles unificam e ressignificam a dimensão enunciativa do assunto tratado.

A tríade temática mencionada aparece revista e ampliada nas crônicas e/ou formas breves datadas do período entre 1992-1995 e compiladas em *Cascos & carícias*<sup>3</sup>. O conteúdo delas faz referência às indagações existencialistas sobre o estar/ pertencer ao mundo, ao status minimizado da poesia e do conhecimento na sociedade capitalista e ao engajamento político-poético da escritora diante da corrupção e descasos governamentais para com a população brasileira. Além disso, ela apresenta a inserção de textos literários, veiculados em outras obras, de sua própria autoria, o que possibilita ler o conjunto de crônicas como uma espécie de “antologia de meus textos preferidos”.

Quanto à linguagem utilizada, observa-se um hibridismo entre a modalidade formal e a coloquial. E, ao contrário do que ainda insiste em pontuar alguns teóricos, foi esse formato que possibilitou a divulgação e expansão da palavra de Hilda Hilst. Como ratifica José Luis Mora Fuentes:

Talvez a importância maior das crônicas tenha sido a de expor o surpreendente Universo Hilstiano a um público bem mais vasto do que aquele dos seus tradicionais seguidores. Mérito

---

<sup>2</sup> Alguns destes nomes são mencionados por Cláudio Willer 1980 e a maioria foi coletada por mim.

<sup>3</sup> A obra reeditada pela Editora Globo em 2007 foi acrescida de aproximadamente 50 textos não publicados. Contudo, este estudo tem como recorte apenas a primeira coletânea publicada pela Nankin Editorial.

que, sem dúvida, devemos exclusivamente ao veículo utilizado, o jornal, que independe da precária distribuição com que os livros dos nossos melhores escritores e poetas costumam ser brindados. (FUENTES, 1998, p.15)

Os textos neste veículo funcionam, às vezes, como palanque, megafone verborrágico para as denúncias sociais e políticas da época. Num outro nível de vínculo, a autora acaba por constituir um catálogo político-poético que representa um mapeamento árido das mazelas nacionais, com texturas próximas ao estilo de Sebastião Salgado mesclado às imagens ilustrativas do poema “O bicho”, de Manuel Bandeira:

O País está vivendo uma crise de abandono, de total desamparo. Milhares de pessoas famintas, milhares de pessoas nas filas quilométricas da saúde, da Previdência, etc, etc. Tanto nos confins do país, em Monte Santo, na Bahia, onde os bebês têm morrido de fome, onde não há nem o mandacaru, onde a miséria é absoluta, como nas capitais, nas cidades onde pessoas moram em bueiros e se alimentam de lixo. Em Pirajuí (SP), uma família não vê um litro de leite há três meses e a filha de dez anos mama nas tetas de Dindinha, uma cachorra. (HILST, 1998, p.111)

Dessas “vidas secas” arquivadas, em estágio crônico no contexto histórico do país, o factual revela-se pela sua natureza quase absurda, inominável. Registros, marcas do “dissoluto sem nome que há no homem.” (HILST, 1998, p.133). Para Vera Queiroz, a palavra hilstiana vai ao encontro e, por que não, de encontro com o inominável, como tentativa de apropriação: “Ele (o texto) espirala-se obsessivamente em torno de si, formulando perguntas acerca do inominável das constrições humanas, em busca de sentidos para a radicalidade humana.” (QUEIROZ, 2000, p.12).

No entanto, não só de agruras a obra se alimenta. Pela atmosfera múltipla que o próprio gênero propicia, Hilda Hilst acaba por reler-se e inserir o riso como válvula socioculturalmente necessária e condimento significativo proporcionado durante a leitura dos textos, como se pode perceber nesta justificativa referente à chamada trilogia erótica<sup>4</sup>: “Às vezes me perguntam o porquê de eu ter optado pelo riso depois de ter escrito as minhas ficções, meu teatro, minha poesia (...). Optei por minha salvação. E disse-o num poema: porque mora na morte/ Aquele que procura Deus na austeridade” (HILST, 1998, p.15).

Essa busca pelo elemento inominável como ordem divina é recorrente nas crônicas, sobretudo quando Hilst se indaga acerca da intervenção do criador perante os problemas

---

<sup>4</sup> A chamada trilogia erótica é composta pelas obras: *O caderno rosa de Lory Lambi* (1990), *Contos d'escárnio/ Textos grotescos* (1990) e *Cartas de um sedutor* (1991).

mundiais. Portanto, os textos apresentam-se como tentativas de nomeação das coisas monstruosas, cotidianas e sublimes. Tais classificações, enunciadas pelo riso, configuram-se como exercícios ficcionais, pois, como concebe Maria Esther Maciel, muitas vezes “onde falha a classificação advém a imaginação.” (MACIEL, 2008, p.39).

## 2. Do almanaque: coletânea

O humor debochado presente em *Cascos & carícias* reproduzido sob os moldes de aforismos, receitas, conselhos e listas, acrescido do suporte crônica, que segue a lógica de seqüência linear do calendário e suas datas comemorativas somado ao público destinatário projetado, possibilitam ler a antologia como paráfrase de almanaques de farmácia veiculados no Brasil nas décadas de 20 a 50.

Segundo Vera Casa Nova, esses livretos eram compostos por uma orientação ideológica positivista difundida discursivo-pedagogicamente em propagandas de remédios e conselhos a homens e mulheres sobre referências do bem estar de se viver com saúde, de se expurgar as enfermidades e, conseqüentemente, a morte. Em tais almanaques, há uma espécie de simulacro do saber científico. Para a autora, esses manuais representam uma “Pequena enciclopédia das classes populares”. “Diríamos, até, uma ciência caseira, ou uma ciência lúdica.” (CASA NOVA, 1996, p.60).

Esse discurso “mente sã, corpo são”, proveniente dos manuais, é endossado em *Cascos & carícias*, como neste trecho em que a autora critica o modo falacioso de propagandas educativas para DST/ AIDS:

Não acredito que em tempos de Aids e Ebola nenhum comunicador tenha encontrado uma fórmula sóbria e eficaz para alertar o povão sobre o perigo das relações sem preservativos! Vocês acham que lá nos cafundós (que é o Brasil inteiro) Seo Mané vai entender o que estão querendo dizer em meio àquela suarenta de traseiros e tetas, e todos rebolando frenéticos num frenesi dementado e patético? O que vai acontecer com essa estória de banana é o seguinte:

ô Seo Mane, já comprô as bananas pras camisinhas?

já seu Jucão.

põe no cacho inteiro, viu? assim a gente pode metê pra valê<sup>5</sup> (HILST, 1998, p.166).

---

<sup>5</sup> Observa-se que os personagens inventados pela autora parafraseiam, de certa forma, o personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, que representou o emblema do homem do rural dos anos (1920-1950) e, também, é encontrado em almanaques, como o Almanaque Biotônico Fontoura.

Por outro, há uma burla desses valores remediáveis, pelo viés do humor irônico: “Eu sou aquela que entrava na farmácia e perguntava delicada: há alguma novidade?” (HILST, 1998, p.141). O tom jocoso também está presente nas paródias de mensagens aforísticas e receitas contidas nos almanaques, como “Bom dia, leitor. E ainda que as janelas se fechem, é certo que amanhece” (HILST, 1998, p.66). E:

Receitas de antitédio carnavalesco

Pequenas sugestões e receitas de espanto antitédio para senhores e donas de casa durante o carnaval.

IX

Se você quer se matar porque o país está podre, e você quase, pegue uma pedrinha de cânfora e uma lata de caviar e coloque ao lado seu revólver. Em seguida, coloque a pedrinha de cânfora debaixo da língua e olhe fixamente para a lata de caviar. Só então engatilhe o revólver. (É bom partir com olorosas e elegantes lembranças. Atenção: não dê um tiro na boca porque a pedrinha de cânfora se estilhaça). (HILST, 1998, p.33).

Além de expor opiniões que resvalam discursos e temas periféricos do senso comum, devido ao leitor heterogêneo do jornal, Hilst acrescenta matizes eruditos aos textos ao citar escritores, filósofos, físicos e matemáticos da cultura ocidental. Nessa operação de “desempacotar minha biblioteca”, nomes (Simone de Beauvoir, Drummond, Camus, Bataille, Nelson Rodrigues, Sartre, Sade, Arthur Koestler, etc) aparecem como links associativos que possivelmente despertavam no leitor a prática da pesquisa enciclopédica. Tal exercício, em determinados momentos, era impingido pela autora: “P.S: Jonathan Swift (1665-1745). Se quiser saber mais dados, informe-se.” (HILST, 1998, p.175). Outras vezes, aparece como citação em tom crítico “Tem sido mais fácil compreender Heidegger, Wittgenstein, sânscrito, copta do que compreender explicações de ministros e quejandos” (HILST, 1998, p.41). Esses elementos permitem considerar o valor híbrido dos textos que mesclam saber popular, saber científico e “saber” literário.

Olga Pombo conceitua, inicialmente, a enciclopédia como “um panorama que se pretende completo, imparcial e objectivo do conjunto dos conhecimentos disponíveis numa determinada época” (POMBO, 2006, p.181). Ressalta, ainda, que a enciclopédia a partir do século XVII era voltada para um público letrado, uma vez que divulgava referências primordialmente científicas. Dentre as diferenças entre enciclopédia e almanaque, Pombo pontua:

A enciclopédia não é um amontoado de textos descontínuos de um mesmo autor ou proveniente de colaborações esparzas. Ela não é nunca uma miscelânea, mas um conjunto de partes interdependentes, uma apresentação ordenada. Daí que obras similares como gazetas, almanaques, (...) não possam ser incluídas no ‘gênero’ enciclopédia. (...) a ambição da enciclopédia não é o fechamento do sistema, mas a circulação da unidade. O seu objetivo é mostrar o ciclo do conhecimento na unidade e harmonia do seu propósito. (POMBO, 2006, p.187).

Tais considerações possibilitam conceber a obra em questão enquanto projeto anti-enciclopedista, uma vez que mimetiza, até certo ponto, formatos dos almanaques, com o intuito de subverter qualquer tipo de ordem, seja científica, organizacional, política ou até mesmo a ordem semântica das palavras:

Semântica – Antologia do Sêmen, Solipsismo – Psiquismo solitário, Hipérbole – Bola grande, Xenofobia – Fobia de Xenos, Ligadura – Liga das senhoras católicas, Ânulo – Filete colocado por sob o bocel da cornija do capitel dórico, Bocel – Corruptela de boçal, (...) Democracia – Poder do demo, Paradoxo – Oxiúros em estado de repouso (parado), República – Ré muito manjada. (HILST, 1998, p.63).

Entretanto, se for considerada a prática informativa e, ao mesmo tempo, antididática suplementada pela citação de referências intelectuais do século XX, acrescida à divulgação dos textos poéticos de Hilda Hilst, o conceito “Pequena enciclopédia das classes populares” concebido por Casa Nova (1996) não pode ser descartado ao se ler *Cascos e carícias*.

### 3. Da poesia: mínimas reverberações

Um elemento significativo da coletânea que subverte a influência dos almanaques é a concepção poética de morte enquanto forma de transcendência, condição sublime para a existência. Há, no decorrer dos textos, seja de forma cômica (como na Receita de antitédio carnavalesco), seja de forma literária, certa apologia ao suicídio:

O homem tava olhando o mar. Chegou outro e disse: bonito o mar, não?  
É.

Ficaram horas ali. Aí o segundo disse pro primeiro: é tão bonito que vou me afogar. Vai, disse o outro. Foi, sacudiu algumas vezes a mão direita à guisa de adeus e afundou. Cada coisa que me acontece... disse o primeiro. Levantou-se da areia, tomou três talagadas no bar da esquina, urinou no poste, foi para casa e dormiu muito bem.

Moral da estória: “A cada momento, alguma forma alcança a perfeição ao nosso tato ou visão”. (Walter Pater). (HILST, 1998, p.128).

A apologia à morte é também recorrente na lista de poetas suicidas enumerados e lembrados pela escritora:

O poeta pode ser violento. A maior parte das vezes contra si mesmo. Um tiro no peito, gás, veneno, um tiro na boca como fez Hemingway, que também foi poeta em O velho e o mar; Maiakovski, um tiro no peito; Sylvia Plath, gás de cozinha; Ana Cristina César, um salto pelos ares; etc etc etc. ‘Os delicados preferem morrer’, dizia Drummond. (HILST, 1998, p.36)

Como foi abordado, a publicação dos textos hilstianos em jornal representou mais que uma aproximação entre a autora e o público em geral, mas também a divulgação de seus textos literários já publicados anteriormente que haviam sido esquecidos e, de certa forma, apagados da memória literária nacional, devido à falta de reedição das obras por parte das editoras. Nota-se, como grande achado nessas crônicas, a concepção de poesia para Hilda Hilst:

É triste explicar um poema. É inútil também. Um poema não se explica. É como um soco. E, se for perfeito, te alimenta para toda a vida. Um soco certamente te acorda e, se for em cheio, faz cair tua máscara, essa frívola, repugnante, empolada máscara que tentamos manter para atrair ou assustar. Se pelo menos um amante de poesia foi atingido e levantou de cara limpa depois de ler minhas esbraseadas evidências líricas, escreva, apenas isso: fui atingido. (HILST, 1998, p.53).

Essa autorreferência, ou “modo de me ler”, justifica tanto a metáfora cascos e carícias que nomeia a obra, quanto ao verbete de si mesma que a poeta esquadrinha ao longo dos textos. Isso possibilita a prática seletiva e propagação de uma “coleção de si”, configurada intencionalmente e de igual teor nos textos poéticos e imagem intelectual de si mesma arquivados por Hilst ao serem estampados nos jornais.

Dessa forma, o formato crônica é rasurado, uma vez que revela múltiplas facetas enunciativas. Ao demonstrar episódios de sua vida, suas leituras filosóficas do cotidiano, seus precursores, Hilda constitui-se como “arquivo público”. Ítalo Calvino, ao considerar a problemática da unidade em textos de Borges e Perec, defende o conceito de “enciclopédia aberta”, ao questionar o compromisso totalizador dessa obra que é filtrado e cindido pela literatura: “Hoje em dia não é mais pensável uma totalidade que não seja potencial, conjectural, múltiplice” (CALVINO, 1990, p.131). Para Calvino “Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo

pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.” (CALVINO, 1990, p.138).

Talvez, a partir dessa perspectiva, o poeta é comparado por Hilst a um ornitorrinco. Por apresentar recortes oriundos de suas leituras no corpo criativo de sua palavra poética. E por fugir a taxonomias, transfigurar máscaras engendradas, exigidas pela sociedade.

Dentro da pluralidade temática que *Cascos e carícias* manifesta, a poesia é apresentada como pretexto para autora se distanciar das catástrofes sociais e compromisso semanal de escrita “Não estou afim de escrever crônica, não. Tô afim de quimeras. Na vida e no texto” (HILST, 1998, p.168). A mensagem hilstiana “Só a poesia salva”, pode ser, de maneira figurativa, associada a anúncios publicitários de almanaques e, portanto, pode-se lê-la como lenitivo, elixir de uso imediato para se sustentar enquanto ser humano no mundo.

A obra em questão, se pensada pela estruturação seletiva da autora ao expor seu ofício poético, ou seja, ao retirar a palavra de seu uso funcional prezando-a, pode ser articulada ao valor de propriedade construído pelo colecionador, conceito elaborado por Walter Benjamin: “Uma relação com as coisas que não põe em destaque seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que as estuda e as ama como o palco, o cenário de seu destino.” (BENJAMIN, 1987, p.228).

Apesar de não estar integrado à coletânea<sup>6</sup>, cabe ressaltar o poema de abertura de *Da morte .Odes mínimas*, composto intencionalmente por 50 poemas para celebrar o aniversário de 50 anos da poeta. Nesse, há uma catalogação de possíveis nomes atribuídos à morte:

Te batizar de novo  
Te nomear num traçado de teias  
E ao invés de Morte  
Te chamar Insana  
Fulva  
Feixe de flautas  
Calha  
Candeia  
Palma, por que não?  
Te recriar nuns arco-íris  
Da alma, nuns possíveis  
Construir teu nome  
E cantar seus nomes precípeis:  
Palha

---

<sup>6</sup> Este poema foi publicado na crônica “Reviver é viver mais”, contida no Caderno C do Correio Popular de Campinas em 28 de dezembro de 1993.



Corça  
Nula  
Praia

Por que não? (Hilst, 2003, p.29).

A celebração da morte aqui se dá de maneira intrinsecamente lírica nos versos “Feixe de flautas” e “E cantar seus nomes perecíveis”. Os supostos substantivos-adjetivados desconectados reverberam o caráter multiforme que a morte assume na sociedade ocidental e o “Por que não?” instiga a evidência dessa mutabilidade pelo ato de (re)batizar necessário ao ofício poético. O poema revela que toda tentativa de nomeação e catalogação comporta seus contrários, seu conceito indefinidamente infinito, seu estágio perecível, sua anulação.

Conclui-se, assim, que a obra em questão apresenta-se como defesa poética diante das atrocidades inomináveis as quais somos submetidos. Hilda Hilst como poeta-cidadã, oferece sua contribuição mínima diante das mazelas e monstruosidades que nos afetam. Mínima se consideramos o eco restrito alcançado pela máxima extensão de sua voz. Demonstra-se, enquanto escritora-leitora, ser colecionadora de certa tradição intelectual impressa nesse almanaque de miudezas poéticas.

### Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca In *Rua de mão única: obras escolhidas v.2*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1987. p.227-235.
- CALVINO, Ítalo. Multiplicidade In *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.115-138.
- CASA NOVA, Vera. *Lições de almanaque: um estudo semiótico*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- FUENTES, José Luis Mora. A rameira e santa. *Revista Cult*, São Paulo, n 12, p-14-15, jul.1998.
- HILST, Hilda. *Cascos & carícias: crônicas reunidas*. São Paulo: Nankin Editorial, 1998.
- Hilsta, Hilda. *Da morte*. Odes mínimas. São Paulo: Globo, 2003.
- MACIEL, Maria Esther. *O animal escrito: um olhar sobre a zooliteratura contemporânea*. São Paulo: Lume Editor, 2008.

PÉCORA, Alcir. A moral pornográfica. *Suplemento Literário do “Minas Gerais”*. Belo Horizonte: Secretaria do Estado da Cultura de Minas Gerais, n.70, p-16-19, abr.2001.

POMBO, Olga. O projeto enciclopedista In *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Edições Duarte Reis, 2006. p.180-193.

QUEIROZ, Vera. *Hilda Hilst: três leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

ROSENFELD, Anatol. Hilda Hilst: poeta, narradora e dramaturga. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/ri/casadosol/critaarhtml>>. Acesso em: 21 jul.2006.

WILLER, Cláudio. A luz especial que brilha nessas odes. *Da Morte. Odes Mínimas. IstoÉ*, São Paulo, p.4, 18 fev. 1981.

#### RESUMEN:

Tiene este ensayo la pretención de analizar cómo las crónicas de Hilda Hilst parafrasean y parodian el formato "almanaque" de farmacia. Se pretende, además reflexionar cómo las prácticas de colección y antienciclopedismo presentes en la obra están relacionados al inominable.

Palabras-claves : Hilda Hils, Crónicas, Colección, Inominable